

BRINQUEDO DE TAMBOR: PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA UMBANDA

Nayana de Castro Cunha

Aluna de Esp. em Arte-Educação e Cultura Popular.
Aluna de Iniciação Científica do Projeto Mira Ira – Laboratório de Vivências
do Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- IFCE.
Rua Paulo Firmeza 1234, Pio XII– Fort/CE – 60130-421 (85)88472804.
E-mail: nayanadec@gmail.com

Maria de Lourdes Macena de Souza (Orientadora)

Resumo: O presente trabalho apresenta resultado parcial de uma investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem para as crianças que frequentam os terreiros de Umbanda. A pesquisa tem como objetivo conhecer o processo de transmissão de ensinamentos e rituais dessa religião, como é repassada, de que forma, de que se utilizam, qual linguagem. É o que este trabalho tenta responder a partir de pesquisas bibliográficas sobre Umbanda, tradição oral, educação informal. Além de pesquisa de campo, entrevistas com amigos frequentadores de terreiros, bem como de profissionais que estudam religiosidade tradicional e educação.

Palavras-chave: Educação informal, umbanda, tradição oral.

Grupo de Trabalho: GT01 Ritos, Religiosidade e Festas Populares

Introdução

Culturalmente as manifestações populares têm como elemento principal a alegria e espontaneidade dos seus participantes, tendo embutidos também ensinamentos, princípios de vida em pessoas de todas as idades, raças e crenças. Elas agregam as pessoas, os lugares e os seres, sem nenhuma distinção.

Tomamos como objeto de estudo a umbanda considerada uma manifestação popular e religiosa, pois além de estar agregada ao universo folclore, faz parte do imaginário popular e da história de formação do Brasil. Persistindo assim sua existência como religião e identidade cultural, já que é preenchida, modificada e reinventada a partir da sua ligação com as comunidades a que pertencem. Agregando ao local e seus participantes valores de pertencimento a tal localidade.

Nesse contexto de valores que são perpassados entre os integrantes da umbanda vale ressaltar o valor da memória coletiva que entremeia este universo religioso e como esta é de fundamental importância na aprendizagem dos seus filhos de santo, pois "cada experiência se inscreve numa continuidade, no seio da qual se articulam passado, presente e futuro." (PORDEUS, 2002, p.07).

Apontamos aqui como é importante o papel da aceitação da aprendizagem através de outras formas de ensinar, como a educação informal, a educação através do universo popular que nos identifica enquanto povo, da memória popular, através dos mestres, neste caso das mães e pais de santo, dos senhores e senhoras que permeiam o universo mais próximo a nós, e que pelo caráter ancestral impõem respeito afetivo.

É neste contexto que tentamos responder como se dá o papel da iniciação das crianças dentro do universo da umbanda, como se formam umbandistas, de que métodos são utilizados para esse aprendizado, a partir de que idade, e se isso se dá de uma forma voluntária ou imposta. Utilizamos assim de entrevistas entre pessoas frequentadoras das casas de umbanda, sem especificá-las, opiniões de pais umbandistas, de mães de santo e crianças e jovens iniciados.

Uma educação fora da lei: função da memória e socialização no ensino e aprendizagem.

As manifestações populares, neste caso, principalmente as religiosas são aquelas onde o povo se junta para festejar, serem felizes juntos, já que na sua grande maioria estas manifestações se dão em grupo, facilitando assim sua aprendizagem. Elementos como a memória, a ancestralidade, a ritualidade e a temporalidade são categorias fundamentais para compreendermos as relações de educação presentes nesse universo.

O conhecimento humano, dependendo dos diferentes referenciais, é explicado diversamente em sua gênese e desenvolvimento, o que condiciona conceitos diversos de homem, mundo, cultura, sociedade, educação, etc. Dentro de um mesmo referencial, é possível haver abordagens diversas, tendo em comum apenas os diferentes primados: ora do objeto, ora do sujeito, ora da interação de ambos. (MUZUKAMI, 1986)

É nesse contexto que iremos discutir sobre cultura e seu universo amplo de repassagem de ensinamentos através principalmente do que entendemos sobre o valor cultural e a memória individual e coletiva dentro de nichos culturais, como no caso de trabalho, as manifestações culturais e religiosas nos terreiros de umbanda.

Falando-se de ensino e aprendizagem, é normal que comecemos sobre a realidade social em que o indivíduo está inserido, ou induzido a se inserir desde a infância. Porém o ensino e a aprendizagem são processos que se diferem, de acordo com Iturra, os dois métodos, andam juntos, se acompanham durante o desenvolvimento do indivíduo. Segundo o autor, denomina o ensino como transferir conhecimentos já sistematizados, provados e confirmados pela e para a população, fixando seu estereótipo social, que é o caso das religiões mulçumanas, por exemplo. Já a aprendizagem, é o método que instiga as pessoas a procurarem alternativas e respostas para o funcionamento do mundo, da sua comunidade, alternativas para o seu modo em comum de encarar a vida. “O ensino é repetir, criando uma subordinação; a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação.” (ITURRA, s/d)

Quando discorremos sobre cultura falamos de um agregado de pessoas, de um grupo que compartilham os mesmos costumes, as mesmas histórias, ideologias, pensamentos, fazeres e saberes, e com eles um mundo de significados aprendidos e que tomam conta do corpo e do pensamento.

Todo o grupo social precisa de transmitir a sua experiência acumulada no tempo à geração seguinte, como condição da sua continuidade histórica. O facto de os membros individuais do grupo estarem sempre a renovar-

se, seja pela morte, seja pelo nascimento, dinamiza a necessidade de que essa experiência acumulada, que se denomina saber e existe fora do tempo individual, fique organizada numa memória que permaneça no tempo histórico. (ITURRA, s/d)

Para a umbanda, como nicho de grupo não só social como também religioso, de origem negra, em que trabalha com rituais, assim podemos chamá-la de ancestrais, mas que permanecem inscritos na vida do homem brasileiro de qualquer cor, e no contexto da aprendizagem há uma diversidade de como os costumes e cerimônias são transmitidos. A forma como os símbolos são repassados e comunicados aos seus membros é que permite o entendimento e experimentação do que se é ensinado, de acordo com princípios, doutrinas. É o próprio processo de ensino que se explica e se aplica por ele mesmo.

Vale ressaltar o papel da memória oral dentro dessas etapas de aprendizagem do universo popular. Pois a transmissão dos valores culturais e religiosos, no caso da umbanda, pode acontecer de modo informal, ou seja, ensinamentos que passam de gerações em gerações dentro do mesmo grupo de participantes.

Para que as lembranças permaneçam, é necessário que façam parte do pensamento de um grupo. No entanto, é necessário que essa memória seja articulada entre os membros desse grupo. Isso vale para a sociedade mais ampla. A memória possui características que se manifestam em seus aspectos afetivos e sociais. Partindo dessas premissas, pode-se dizer que duas noções encontram-se ligadas: memória e identidade. E é graças à memória ou às lembranças dos fatos passados que o indivíduo tem a consciência de si e o sentimento da continuidade de seu saldo. A memória é social quando se inscreve em um tempo e um espaço comum aos membros do grupo. (PORDEUS, 2002, p. 07)

Para além do saber popular e da transmissão da memória temos a participação das pessoas enquanto povo agregando valores e identidade a essa sabedoria. Podemos considerar então que memória coletiva, no que diz respeito ao universo de sabedoria popular, como “todos os elementos culturais que constituem soluções usuais e costumeiramente admitidos e esperados dos membros de uma, transmitidos de geração para geração por meios informais.” (FLORESTAN, 1978, p. 31 apud AYALA, 2006, p.35).

Tomando como base os processos de aprendizagem de diversas áreas do conhecimento, a que mais o trabalho se identifica com a visão de Vygotsky, um estudioso russo, que por muitos anos desenvolveu a teoria interacionista, ou seja, em que o indivíduo aprende por meio da interação social, ou seja, indivíduo aprende por meio da interação social com sua comunidade e com o meio físico em que está inserido. Defende também que essa interação causa no sujeito uma experiência social, que se dá através da utilização de instrumentos e signos.

Nestas condições, a aprendizagem é feita pela absorção de gestos e palavras. Para Lev Vygotsky, o gesto é signo visual que contém a futura escrita da criança. Para as crianças, portanto, gestos são a ‘escrita’ no ar; da mesma forma como para os letrados os signos escritos são

originalmente gestos que foram fixados. Ao ensinar por gestos e pela palavra falada, as festas e os contos populares transmitidos pela oralidade e pela memória vão compondo um jeito como cada indivíduo ou cada grupo tem de andar, de falar, de se comportar e muitas posturas corporais que fazem parte da maneira de ser e estar das pessoas desse enorme Brasil. (SILVA, 2008, p. 193)

Por fim, salienta-se que a inserção da criança no meio social em quem vive é de fundamental importância para a contribuição da sua personalidade enquanto indivíduo e cidadão ativo. A partir disso é sabido que a cultura, apesar de significar apenas um aspecto da sociedade, dentro dela há uma infinidade de culturas, hábitos, com suas particularidades e afirmações para preservar sua existência,

Entretanto, na medida em que afirmam valores particulares e uma maneira específica de ser, fazer, viver e ver o mundo, desnudam o exercício opressivo do poder, tornando visíveis as relações subordinadas em que se encontram e que estabelecem com os sistemas simbólicos dominantes ou hegemônicos da sociedade. (SILVA, 2008, p.192)

É como se vem questionando a dinamicidade da tradição, uma vez que se reinventa a cada geração, pois é influenciada por diversas vias, através da mídia, da tecnologia. Apesar das intervenções há um sentimento de valores enraizados que é muito forte, e é aí que estão os ensinamentos e valores.

O canto do encanto de ser – Umbanda e seus ensinamentos

A umbanda é uma manifestação religiosa que também se caracteriza como mista. Podemos dizer que ela é uma representação, além de religiosa, cultural genuinamente brasileira, pois em sua composição há elementos de etnias brancas, negras e indígenas. Além disso, frisa-se que as religiões de matriz africana como o candomblé e a umbanda, com a convivência no Brasil sofreram um processo de sincretismo com a religião católica.

De maneira geral na composição da umbanda seus santos, com a licença da palavra, são personagens populares, tipos característicos que fazem parte do nosso imaginário popular brasileiro, de forma que há uma grande quantidade de entidades de diferentes personalidades. Assim “os umbandistas são, portanto, súditos de vários senhores e dividem o seu tempo, o seu corpo e a sua pessoa trabalhando para todos, tentando conciliar essas vontades entre si e consigo mesmo.” (BIRMAN, 1985, p.25)

A partir dessa diversidade étnica pode-se individualizar a umbanda a partir de seus elementos divinos, uma vez que cultuam orixás, caboclos e exus, cada um representando respectivamente etnias negra, indígena e branca. Cada um desses espíritos/entidades tem uma personalidade e histórias de vida bem definidas de acordo também com essa separação racial.

A diversidade se expressa nas várias e reconhecidas influências de outros credos na umbanda. Encontramos adeptos de umbanda que praticam a religião em combinação com o catolicismo, que se dizem também

espíritas, absorvendo os ensinamentos de Kardec e, entre estes, a variações continuam: centros que aceitam determinados princípios do candomblé e excluem outros, que se vinculam a uma tradição por muitos ignorada etc. não há limites na capacidade do umbandista de combinar, modificar, absorver práticas religiosas existentes dentro e fora desse campo fluido denominado 'afro-brasileiro'. (BIRMAN, 1985, p.27)

Compreende-se que na umbanda há uma hierarquia social e ética dentre os próprios espíritos. Seguindo uma ordem de importância temos os orixás que são os santos que não encarnaram na terra, ligados a eles seguem os espíritos (cada orixá tem um grupo de espíritos correspondentes), em que se subdividem em reinos e falanges que consistem os exus, caboclos, preto-velhos e crianças, em que estes são o que geralmente dão a consulta.

Na umbanda os orixás são tidos como as entidades mais puras, que nunca encarnaram. Referentes aos espíritos, estes se dividem em três domínios, que são a natureza, o mundo civilizado e o mundo marginal.

Os caboclos, referentes a natureza, são tidos como grandes guerreiros, resistente, que não deixaram ser dominados pelos brancos, na sua forma mais bruta e direta de ser. Já os exus são personificações dos humanos deste mundo, capazes de abrir caminhos difíceis, pois são de personalidade duvidosa e sem moralismos, como o caso de Zé Pilintra e a Pomba Gira, ambos com histórias de vida muito parecidas com pessoas comuns e de classe social desfavorável, uma vez que Zé Pilintra era negro e malandro e a Pomba Gira uma prostituta. Aí se vê uma identificação direta da religião, dos seus protegidos, para com os seus protetores, um aspecto religioso intrinsecamente ligado ao contexto social e cultural em que os fiéis estão inseridos, já que a umbanda se instaura nas periferias.

Temos ainda os seres de luz, como o preto velho e as crianças, referentes ao mundo civilizado, em que ambos ajuda ao médium da forma mais moral e justa em suas colocações, pois aqueles eram em tempos remotos escravos domesticados e de confiança e muito sábios e estes eram crianças brancas e mimadas, que dividiam o ambiente doméstico, sem senso de moral nem responsabilidade. Vale ressaltar que os valores sociais são invertidos, pois nenhum destes espíritos tem mais ou menos poder que o outro por terem esse tipo de personalidade.

Na umbanda, as pessoas que recebem as entidades, os médiuns, são chamadas de filho-de-santo. Estas se destacam pelo uso de colares, chamados de guias. Estes indicam os orixás que ele possui, cada um combinações de cores diferentes. Numa relação proporcional, quanto mais guias uma pessoa tiver, mais antiga ela e mais entidades ela recebe, avaliando assim a importância desse médium e seu posto na hierarquia dentro do terreiro, em que os mais velhos são chamados de pai ou mãe-de-santo.

Na vida dos umbandistas as entidades que eles recebem têm valor impositivo na relação com sua vida social, cada filho-de-santo pode receber quantos espíritos for, porem cada um destes terá uma resposta sobre tal problema de acordo com as personalidades dos espíritos. Portanto cabe a índole e escolha do médium a qual solução percorrer.

Os filhos-de-santo são geralmente pessoas muito ocupadas, pois contam com a proteção de muitos santos, por isso ajudam muitas pessoas da comunidade. Estão sempre servindo a todos, envolvidos com algum trabalho, como caridade. Além de fazerem as obrigações e oferendas para os seus orixás, como por exemplo, banhos de descarrego, preparado do terreiro, velas, bebidas. Comidas, sacrifícios de animais. Tudo para satisfazer

e agradecer a quem lhes protege. “As referências aos orixás se constituem, pois, com emblemas importantes tanto para a construção dos espíritos e das respectivas linhas quanto para a construção da imagem e identidade do filho de santo.” (BIRMAN, 1985, p. 34)

Para atribuímos valores dentro da manifestação religiosa, pontuando aqui a umbanda, faz-se necessário que saibamos e interpretemos os símbolos e significados que preenchem determinada sociedade religiosa, para que se possa imprimir em cada indivíduo o sentimento de pertença, seja ele local, social, ou/e religioso. De maneira abrangente, a cultura “é constituída por sistemas de significados que são parte integrante da ação social organizada.” (ARANTES, 2006, p.40). Ou seja, toda sociedade é formada por símbolos. Esta, por ser distinta uma da outra, emprega sentidos nesses símbolos e signos, que chegam a um consenso, uma conotação que é comum e aceita por todos dessa mesma sociedade. São esses valores relacionados aos símbolos que dão significados à vida social, que é o que denominamos como cultura e religiosidade.

A religião, afunilando para o mundo das religiões de matriz africana abrem universos dentro de nós ainda desconhecidos, pois mexe com memórias, com o corpo inteiro de forma integrada através do transe, e da personificação dos seus santos. Através dessa expressão religiosa, por meio do corpo são trabalhados em seus participantes aspectos tanto físicos quanto psicológicos, cognitivos, emotivos, entre tantos outros. Daí a riqueza que é fazer parte da umbanda como engrandecimento pessoal desde a infância. Pois

Na umbanda ninguém nega o poder dos exus, embora ninguém igualmente se arrisque a colocar a mão no fogo pela retidão moral de qualquer um deles. Moral e poder são coisas que na umbanda, funcionam separadas. Para se ter contato com forças sobrenaturais não é preciso ser nenhum santo – basta que se reconheça em si mesmo a presença de espíritos e orixás querendo ‘trabalhar na Terra’ e incorporar seu corpo. (BIRMAN, 1985, p.16)

Dos valores empregados na umbanda a caridade e a humildade são imprescindíveis para seguir na religião. Pois há uma doação inteira de corpo e alma para com seus santos protetores, bem como um sentimento de cuidado e proteção para com as pessoas que são acolhidas, ou mesmo uma comunidade inteira.

Brincando de ser o que se é

As celebrações são, antes de tudo, um lugar de encontro e confraternização, portanto um momento festivo. Nesta situação valemo-nos de muitas experiências vividas nestes momentos, principalmente no contexto religioso da umbanda, que se utiliza desse cenário para ser um lugar também de aprendizado, que já é um processo, que não se finda, não se fecha em si, perpassa e atravessa indivíduos entre o que é divino e o que é terreno.

As festas são, sobretudo, eventos e celebrações nas quais é mais claramente percebido o caráter dinâmico da cultura popular. Ao mesmo tempo em que enraízam em cada membro do grupo social, seus valores, suas normas e suas tradições abrem espaços, continuamente, para novas maneiras de representar o sentir, o ser e o viver no mundo atual, numa

lenta – às vezes mesmo imperceptível, o que não quer dizer inexistente -, mas efetiva mudança de mentalidade. (SILVA, 2008, p. 192)

Em entrevista com Pai Auri (Auricélio Vieira das Chagas, 30 anos), do Centro Espírita de Umbanda Cabocla Jacira, nos conta que aceita crianças apenas cujos pais também freqüentam o seu terreiro, pois acredita que o processo de aprendizado se dá de maneira mais fácil. Porém afirma que não há uma idade certa para começar, há crianças que começam desde o nascimento, outras com sete anos, porque para ele é daí que se começa a entender melhor a religião. Ele mesmo foi iniciado quando tinha treze anos de idade.

Segundo Pai Auri “não há um ritual específico para a iniciação das crianças. O que fazemos é um Batizado das águas, independente de ser criança ou não. É só levar água benta, vela e água mineral. O ritual é semelhante ao da igreja católica. Tem padrinho também.” Seu Germano Santos da Silva (35 anos) complementa segundo os ensinamentos do terreiro de umbanda que freqüenta.

O processo de iniciação de uma criança na Umbanda ocorre conforme sua mediunidade vai sendo amadurecida, é um processo que pode levar anos e muitas vezes elas passam a receber suas entidades já na adolescência. Existem casos de crianças de 7, 8 ou 9 anos que já incorporam os Caboclos, Pretos-Velhos, Erês, Curumins, ou seja, espíritos de crianças encantadas. Cada terreiro tem suas regras específicas e elas são ensinadas de acordo com o conhecimento de cada Pai-de-Santo.

Dona Raimunda Maria de Abreu Cordeiro (46 anos), membro da umbanda em Fortaleza, uma criança pode ser iniciada desde o ventre da mãe,

Ao nascer à criança é levada ao terreiro de umbanda para ser apresentada aos caboclos ou guias, que logo em seguida é falado para os pais a que guias ela pertence. Sempre tem um na frente que é o dono da cabeça, mas em todas as linhas a criança ele tem seus guias exemplo: na linha de Exu tem o exu homem e o exu mulher que é chamado de lebara , também possui os guias do mar, da mata, os pretos velhos, na linha de coral que são as cobras, e os caboclos mirins que no candomblé são chamados de Erês.

No terreiro em que Dona Raimunda freqüentava, o processo de iniciação e de aprendizagem, vem desde a consulta aos orixás, com sua permissão e em a que função a criança servirá dentro do terreiro, e isso se dá através do jogo dos búzios ou a incorporação do guia da casa.

Sempre é realizado o jogo dos búzios ou o próprio guia incorporado em outra pessoa fala como vai ser feito o ritual ou quando vai ser e para que a criança se destine se é um médium que incorpora, se é uma Equede, ou seja, aquele médium que serve aos guias ou ôgam quando é do sexo

masculino pode ser ôgam dos tambores, ou Ôgam de faca aqueles que matam os animais para as oferendas.

Seu Germano Santos complementa que “Muitas crianças nascem e crescem dentro da Umbanda convivendo com os preceitos da Fé, aprendendo os "pontos" que são os cânticos de cada entidade, aprende a desenvolver sua mediunidade, uso de ervas rituais e banhos específicos para cada "trabalho".”

Há ainda reuniões de esclarecimento sobre a umbanda nos centros específicos, para explicar a pessoa que está iniciando na religião a teoria e logo em seguida os rituais específicos, e assim com o tempo os próprios guias e orixás vão ensinando aos médiuns, ou seja, aos seus filhos já iniciados quais os princípios dessa religião.

Para a iniciação de alguém na umbanda, não só de crianças, segundo Pai Auri a função de pai de santo nos terreiros de umbanda, a princípio “tem a obrigação de orientar os seus filhos a seguir o caminho correto e às leis da Umbanda. Os outros cargos do terreiro, como Pai Pequeno, Mãe Pequena, Presidente, também ajudam nessa orientação.” Para além da orientação do pai ou mãe de santo, há na umbanda um ritual específico de iniciação, porém não é um ritual especificamente infantil, mas que se faz quando a pessoa está devidamente pronta para ingressar na vida de filho de santo. Dona Raimunda, nos descreve essa cerimônia como

Para cada Orixá existe um ritual específico, começa com o desenvolvimento depois o guia incorpora se for o caso do médium porque tem uns que não incorporam que são as Equeudes e ôgans, depois são feitos os cruzos para cada guia corte no centro da cabeça, nos braços com giletes ou navalhas, feitos pelo pai ou mãe de santo com o médium em transe, ou seja, incorporado com a entidade.

Quando questionado sobre o envolvimento de crianças especificamente na umbanda, o Pai de Santo Auri nos conta que há um momento específico para cada iniciação, em seu terreiro ele nos explica que “o que se passa para um adulto, não se passa para uma criança. Utilizamos uma linguagem e um método diferente dos adultos, porque há todo um desenvolvimento diferente. No meu terreiro fazemos a ‘Festa da Criança’, onde ensinamos tudo com uma linguagem própria para elas.”

Seu Germano Santos, nos descreve sobre o ritual de iniciação de alguém na umbanda, como esse ritual é preparada e quais os cuidados necessários para com o sagrado da umbanda. Descreve ainda sobre qual índole se deve seguir e sua formação pessoal para com a religião.

Os rituais são específicos, de acordo com cada regra do Terreiro. Deve-se sempre usar a roupa branca, manter os pés descalços, fazer reverências aos Caboclos, Guias, Boiadeiros, Cigano e Espíritos da Esquerda (conhecidos como Exús e Pombas-Giras). O Rito do Médium da Casa Branca de Oxalá inicia-se no momento em que ele se decide a fazer parte da corrente; é a vigilância, o cuidado, com as entidades que com ele trabalham, o cuidado consigo mesmo observando sempre a higiene corporal, a atenção com sua saúde física, mental e Espiritual. - Tomar

sempre um banho de descarrego antes das reuniões e principalmente ter a vontade interior de prestar algum auxílio ao próximo. O caminho iniciático: É de livre e espontânea vontade que o médium se inicia na Umbanda. Não deve nunca haver pressões, nem medos e superstições; muito menos promessas que possam despertar no médium vaidades e anseios de poder ou de milagres. Iniciação, no nosso contexto, quer dizer caminhar para dentro, ou seja, conhecer-se melhor. O iniciando é, portanto, aquele que decidiu caminhar para dentro de si mesmo, em busca da sua verdade. Vemos então uma redundância sobre o tema, já que uma criança geralmente não tem maturidade para decidir se quer ou não ser iniciada na Umbanda.

Vale ressaltar a importância da hierarquia adotada dentro dos centros de umbanda, uma vez que cada terreiro tem seus representantes e suas especificidades, distinguindo-se umas das outras, fazendo, também, com que cada participante se identifique ou não com seus ensinamentos. O senhor Rivaldo Leite de Araújo Júnior (30 anos), explica que

algumas regras e ensinamentos muda conforme o terreiro. Mesmo que esta religião se guie pelos ensinamentos do evangelho segundo o espiritismo de Allan Kardec, nem tudo do espiritismo é aceito, pois a umbanda é um misto de rituais indígenas, pajelança, espiritismo, catolicismo e candomblé, e um terreiro ou outro acaba puxando mais ou menos para cada uma destas influências, então dependerá de onde o sacerdote se iniciou, onde ele aprendeu, daí quando ele montar o seu próprio terreiro ele irá iniciar seus filhos de acordo com os costumes do qual ele aprendeu. Lembrando que a umbanda não tem um Papa ou um Bispo regional, então o pai ou a mãe de santo daquele terreiro é o próprio Papa do terreiro, onde seus filhos lhe devem obediência.

Sobre os valores inseridos na umbanda é pertinente lembrar que os filhos e pai de santo, que são geralmente pessoas muito solicitadas pelos seus protetores e as pessoas da comunidade, têm que adquirir hábitos de vidas saudáveis. Para, além disso, para Pai Auri, o maior ensinamento que a religião pode dar a uma pessoa é a humildade.

Acredito que primeiro de tudo é a humildade. Nós trabalhamos pela lei da caridade. Outro ensinamento é você ser uma pessoa de boa índole. E por último, não ter vícios pesados, como droga, por exemplo, porque se carregar a matéria a entidade não baixa. Bebidas e Cigarro são considerados vícios leves e as pessoas que usam podem participar, desde que não seja muito. Por exemplo, alcoólatras não podem participar. Acredito que se você consegue ser humilde, de boa índole e não ter vícios, do mais você consegue e desenvolve o resto.

É de fundamental importância o cuidado com o corpo e com a mente. Para os umbandistas esses cuidados estão intimamente ligados a qualidade de comunicação com o sagrado, pois é meio pelo qual faz essa conexão, e este tem que se encontrar bem e limpo, mental e fisicamente.

Conclusão

Percorrendo esse universo da Umbanda, podemos perceber que a iniciação de crianças se deve muito também a participação e sensibilidade de seus pais e parentes para com a religião e seus ensinamentos. Cada terreiro de umbanda tem a sua forma de iniciar uma criança, com festas, rituais e reuniões. Já que, como vimos, a umbanda é uma religião que agrega valores e ensinamentos de outras religiões, desde que de acordo com o pai ou mãe de santo fundador da casa. Porém há um aspecto comum em todos que é o da solidariedade e disposição para com a comunidade.

É importante observar que os estudos sobre folclore vão além da descrição das manifestações culturais. É preciso analisar de fato o folclore como realidade, que está em dinâmica com a sociedade. Para além de observar e descrever é muito relevante interpretar as manifestações folclóricas como fenômeno social, incluindo nas pesquisas um olhar crítico sobre elas, analisando as pessoas através dessas práticas, como se comportam, como se preparam, que importância tem para a comunidade e para cada um, quais os rituais, as regras, enfim, um apanhado de indícios de outro processo, de outra dinâmica, de outra visão de mundo pelas manifestações do povo.

Portanto este artigo se propôs a se fazer uma reflexão sobre as formas de aprendizagem e educação que estão presente no universo da cultura popular. Nas quais o papel da memória coletiva exerce função indispensável à comunidade, bem como a participação dos mais velhos, as mãe ou pais de santo na umbanda. São princípios baseados na tradição, ancestralidade, ritual e solidariedade, principalmente à sabedoria dos mais velhos, que devem ser valorizados cada vez mais por serem responsáveis diretos das informações para as novas gerações. Seria esta uma ótima iniciativa de investigação para auxiliar numa construção de outras formas de educar, sobretudo às classes sociais menos favorecidas, baseadas na identidade e memória local.

Referências

- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular? 14 ed.** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise.** São Paulo: Editora Ática, 2006, 2 ed.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda?** São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.
- ITURRA, Raul. **O processo educativo: ensino e aprendizagem.** Disponível em <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/Iturra.pdf>>. Acesso em: 01 de agosto de 2013.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/educacaoemquimica/files/2010/10/ABORDAGENS-DO-PROCESSO.pdf>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.
- PORDEUS, Ismael. **Umbanda: Ceará em transe.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.
- SILVA, René Marc da Costa (Org). **Cultura Popular e Educação.** Brasília: MEC, 2008. v.1.